

This material may be protected by copyright law. (Title 17 U.S. Code).

DOCUMENTS TO U - MINITEX

University of Minnesota - Interlibrary Loan Lending

15 Andersen Library, 222 21st Ave. S., University of Minnesota
Minneapolis, MN 55455-0439, USA

Phone 612-624-4388 • Fax: 612-624-4522 • Ariel 160.94.20.178 • email docstou@tc.umn.edu

As a service enhancement, DOCUMENTS TO U-MINITEX is directly scanning requests and transmitting them via **MINITEX Ariel** equipment. This article is delivered directly from the humanities, social & educational sciences, general sciences, math, journalism and engineering collections of the University of Minnesota.

If you had problems with this delivery, please reply within 48 hours:

- 1) Return this cover letter via Ariel or Fax 2) Indicate the problem 3) Indicate date received.

OCLC MNU • RLIN MNUG • NUC MnU

Notice: This material may be protected by copyright law. (Title 17 U.S. Code)

Thank you for using DTU – Thank you for using DTU – Thank you for using DTU



ILL record updated to IN PROCESS
Record 3 of 53

Per

ILL pe *copy* Record 20 of 53
CAN YOU SUPPLY ? YES NO COND FUTUREDATE
:ILL: 7258391 :Borrower: CGU :ReqDate: 20030620 :NeedBefore: 20030720
:Status: IN PROCESS 20030623 :RecDate: :RenewalReq:
:OCLC: 2364984 :Source: OCLCILL :DueDate: :NewDueDate:
:Lender: UIU, UIU, *MNU, MNU, MNU
:CALLNO: *Lender's OCLC LDR: 7:1- 1981-
:TITLE: Estudos ibero-americanos.
:IMPRINT: [Porto Alegre] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul Departamento de História.
:ARTICLE: noelli, francisco silva. "os je do brasil meridional e a
antiguidade da agricultura: elementos da linguística, arqueologia e
etnografia"
:VOL: 22 :NO: 1 :DATE: 1996 :PAGES: 13-26
:VERIFIED: OCLC ISSN: 0101-4064 [Format: Serial]
:PATRON: ribeiro, eduardo rivail
:SHIP TO: Interlibrary Loans/Univ. of Chicago Library/1100 East 57th St. JRL 120/Chicago,
Illinois 60637/Ariel 128.135.96.233
:BILL TO: Same ***** CIC REQUEST*****
:SHIP VIA: ILDS/LIB RATE/ARIEL :MAXCOST: \$25IFM :COPYRT COMPLIANCE: CCL
:FAX: 773-834-2598
:E-MAIL: interlibrary-loan@lib.uchicago.edu
:AFFILIATION: CIC, Illinet
:LENDING CHARGES: :SHIPPED: :SHIP INSURANCE:
:LENDING RESTRICTIONS:
:LENDING NOTES:
:RETURN TO:
:RETURN VIA:

ARIEL/RELAIS

OS JÊ DO BRASIL MERIDIONAL E A ANTIGÜIDADE DA AGRICULTURA: Elementos da lingüística, arqueologia e etnografia¹

Francisco Silva Noelli²

Este trabalho é uma proposta para o estabelecimento de um diálogo entre os etnógrafos dos Jê do sul e os arqueólogos, para que se possa aprofundar uma longa série de problemas comuns. Entre vários, o problema relativo à agricultura e à subsistência é o tópico aqui enfocado, pois até o presente não houve pesquisas específicas devido a questões mais importantes a serem resolvidas, ligadas à sobrevivência imediata e à autonomia cultural e espacial dos Kaingang e Xokleng.

A antigüidade da agricultura entre o Jê do Brasil meridional ainda é um assunto pouco conhecido, apesar das datas radiocarbônicas e resultados arqueológicos. Por outro lado, antecipo meu posicionamento, diante do nível atual da pesquisa científica da agricultura dos Jê, concordando com Karl Schwerin (1970) quando diz que sua classificação como "agricultores incipientes" é inapropriada.

O cuidado extremo que devemos ter ao analisar as fontes etno-históricas e etnográficas, para não ver os Jê do sul de forma simplificada, numa perspectiva de longa duração (Braudel, 1978), deverá considerar

¹ Apresentado na XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1994.

² Bolsista Recém-Mestre FAPERGS. Pesquisador associado ao Museu de Porto Alegre.

os resultados arqueológicos, arqueobiológicos e lingüísticos. Estes resultados vêm demonstrando em outros lugares que a descrição histórica não representava a subsistência pré-histórica de certos grupos, profundamente alterada pelo contato com os europeus (Roosevelt, 1989, 1991). Paralelamente, a tendência dos pesquisadores a considerar o manejo agroflorestal³ em moldes ocidentais também implica em dificuldades para compreender os padrões e subsistência dos grupos alterados pelo contato. Segundo Sturtevant (1969), é necessário que se descubra novos conceitos para as atividades relacionadas a subsistência, pois as categorias ocidentais nem sempre traduzem a variedade de técnicas empregadas para manejar plantas alimentícias.

Etnobiólogos da Amazônia vêm respondendo ao problema postulado por Sturtevant, publicado um grande volume de conhecimentos biotecnológicos que permitem uma melhor compreensão das estratégias de forrageio de diversas populações indígenas. Neste sentido, é importante que se incorpore estas novas abordagens para reconhecer como os Jê do sul se alimentavam. As informações arqueológicas e históricas revelam que os Jê praticavam agricultura, mas, devido à falta de pesquisas aprofundadas, não sabemos quais os percentuais de cada item cultivado.

Entre os estudiosos dos Jê do sul é inquestionável a importância do pinhão como fornecedor de carboidratos, não só pela inserção dos Jê nos domínios originais da enorme floresta de *Araucaria angustifolia* (Hueck, 1972:212-221), mas também pela tecnologia desenvolvida para processá-lo e armazená-lo por vários meses. Entretanto, a concepção de que haveria uma centralização da subsistência em torno do pinhão da *Araucaria*, por parte dos não-Jê, vem causando ilusório consenso, sem um sólido apoio de resultados de pesquisas relativas e domínio absoluto das fontes escritas. As principais sínteses que enfocaram a subsistência dos Jê do sul, mesmo não tendo a intenção, estabeleceram os pontos de partida para o estudo de uma estratégia de subsistência baseada na variedade de plantas bem mais ampla do que a concebida (Métraux, 1946; Henry, 1964; Becker, 1975, 1976, 1985, 1991a, 1991b; Kühne, 1979, 1980). Por exemplo, Kühne (1979:80) baseado em autores que não verificaram adequadamente todos os itens relativos a agricultura dos Jê do sul e dos localizados acima de São Paulo, concluiu que

"Der Feldbau der Kaingang und die gemeinsame Züge auf, die anschaulich liegen, das in allen primitiven Gruppierungen Angleichung des Bodenbaus der Zivilization scheidet aus, weil diese Indianer historisch nicht al-

Após esta publicação de Kühne vários estudos etnobiológicos foram publicados, tratando-se do sul de São Paulo, especialmente os Kaingang (In: Oliveira e Hamú [Org.] 1992). Estes dados que demonstram a ineficácia e a ineficiência da questão havia sido tradicionalmente tratada em relação ao cultivo de plantas alimentícias. Quanto ao estudo dos Jê do sul atuais e à análise dos resultados provavelmente chegaremos a resultados que a superficialidade derivou, na verdade, da luta do sul na sua luta pela autonomia cultural e pela falta de preparo multidisciplinar em áreas como a humana, agronomia, etc.

Assim, os caminhos da solução para a questão de interdisciplinaridade entre lingüística, arqueologia, bem como por um necessário esgotamento das fontes históricas publicadas.

A lingüística demonstrou a filiação dos Kaingang à família Jê, tronco lingüístico Iroquoiano (Rodrigues, 1986). Estudando a relação entre os Kaingang e os Kaingang de Wiesemann (1978:215) concluiu que eles são Kaingang. Pode-se reunir os vocabulários Kaingang de vários grupos contatados entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, informações sobre subsistência e elementos de 140 anos de informações contidas em documentos, podendo ser processadas pela lingüística documental. Considerando-se que a lingüística constitui um objeto independente do

4 "A agricultura dos Kaingang e aquela dos Jê do sul que em todas elas eram utilizadas as primitivas técnicas de assimilação entre a agricultura dos Kaingang e a dos Jê do sul de questão, por que não há motivo plausível para se considerar as indígenas, historicamente, como agricultores.

3 Denevan et al., 1984.

sticos. Estes resul-
crição histórica não
pos, fundamenta-
velt, 1989, 1991).
nsiderar o manejo
ca em dificuldades
pos alterados pelo
se descubra novos
cia, pois as catego-
cnicas empregadas

o problema postu-
de conhecimentos
são das estratégias
e sentido, é impor-
e conhecer como os
ógicas e históricas
o à falta de pesqui-
de cada item culti-

el a importância do
inscrição dos Jê nos
gustifolia (Hueck,
olvida para proces-
concepção de que
o pinhão da *Arau-*
consenso, sem um
mínio absoluto das
a subsistência dos
ram os pontos de
tência baseada na
acebida (Métraux,
ia, 1991b: Kühne,
em autores que não
agricultura dos Jê
a que

"Der Feldbau der Kaingang und jener de Gê weist nur wenige gemeinsame Züge auf, die anscheinend in einem Substrat begründet liegen, das in allen primitiven Grabstockkulturen zu finden ist. Eine Angleichung des Bodenbaus der Kaingang an den der moderner Zivilization scheidet aus, weil kein stichhaltiger Grund besteht, diese Indianer historisch nicht als Feldbauer anzusehen".⁴

Após esta publicação de Kühne vários trabalhos com abordagem etnobiológica foram publicados, tratando da agricultura de grupos Jê a norte de São Paulo, especialmente os Kayapó (Cf. relação bibliográfica In: Oliveira e Hamú [Org.] 1992). Estes trabalhos vêm apresentando dados que demonstram a ineficácia e a pouca profundidade com que a questão havia sido tradicionalmente tratada, principalmente em relação ao cultivo de plantas alimentícias. Quando se aplicar a etnobiologia ao estudo dos Jê do sul atuais e à análise de toda a bibliografia existente, provavelmente chegaremos a resultados similares. Deve-se ressaltar que a superficialidade derivou, na verdade, da necessidade de apoiar os Jê do sul na sua luta pela autonomia cultural e territorial e, secundariamente, pela falta de preparo multidisciplinar em botânica, zoologia, ecologia humana, agronomia, etc.

Assim, os caminhos da solução passarão necessariamente pela interdisciplinaridade entre lingüística, arqueologia, etnografia e etnobiologia, bem como por um necessário esgotamento de todas as informações históricas publicadas.

A lingüística demonstrou a filiação das línguas Xokleng e Kaingang à família Jê, tronco lingüístico Macro-Jê (Davis, 1967, 1968; Rodrigues, 1986). Estudando a relação entre o Xokleng e o Kaingang, Wiesemann (1978:215) concluiu que eles se "separaram a muito tempo". Pode-se reunir os vocabulários Kaingang e Xokleng, coligidos nos grupos contatados entre São Paulo e Rio Grande do Sul, isolando informações sobre subsistência e elementos culturais relativos. São mais de 140 anos de informações contidas em aproximadamente 30 dicionários, podendo ser processadas pela lingüística e pela crítica interna documental. Considerando-se que a língua é "um fenômeno social que constitui um objeto independente do observador" (Cf. Lévi-Strauss,

⁴ "A agricultura dos Kaingang e aquela dos Jê tem poucas coisas em comum, apenas que em todas elas eram utilizadas as primitivas estacas para furar o solo. Uma assimilação entre a agricultura dos Kaingang e da das modernas civilizações está fora de questão, por que não há motivo plausível para tal, mesmo assim devemos ver esses indígenas, historicamente, como agricultores."

1967:73), não sujeita a subjetividade do pesquisador, pode-se comparar os vocabulários confeccionados em grupos distintos e verificar as semelhanças e diferenças. Da mesma maneira pode-se comparar com outros agricultores da família Jê, verificando ou não as relações entre as nomações de cultivares, ampliando os meios para estabelecer a antigüidade, talvez conservada desde as separações dos grupos.

A arqueologia esclareceu uma pequena parte das variáveis que estabelecem os relacionamentos entre os Kaingang e seus antepassados, das tradições ceramistas Taquara, Itararé e Casa de Pedra (Schmitz, 1988; Schmitz e Becker, 1991). Apesar de pequenas diferenças entre si, atualmente estas três tradições são consideradas uma só, ainda sem denominação, com artefatos e vestígios vegetais ligados à agricultura (Cf. Schmitz, 1988:75; Silva et. al., 1988:28-36). Como veremos abaixo, para os Xokleng esta identificação ainda não está consolidada, embora haja indicadores da sua descendência dos produtores da cerâmica Itararé. Os resultados arqueológicos poderão contribuir na definição de elementos ligados às técnicas agrícolas e ao processamento de alimentos e restos de vegetais cultivados. Da mesma maneira, por sua configuração, os sítios arqueológicos revelam sedentariedade. Podem, também, colaborar no esclarecimento de problemas gerados pelo caráter fragmentário da documentação etno-histórica e etnográfica, superando a subjetividade dos autores e o estado crítico em que normalmente se encontrou os Jê do sul, quando da sua descrição. A arqueologia pode localizar novos sítios, gerando informações em áreas de vazios demográficos e estabelecendo cronologias.

A Etno-história entre os séculos XVI-XIX e a Etnografia publicada a partir de 1880, contém os elementos para a caracterização cultural e espacial dos Xokleng e Kaingang e seus antepassados "Guaianá", "Botocudo", "Coroado", "Gualacho", etc. Registram paralelamente, a crônica do etnocídio, responsável pela inviabilização da continuidade da sua cultura, obrigando-os a transformá-la e a se adaptar às circunstâncias dos contatos interétnicos.

A complexidade dos contatos e da situação geográfica continua superficialmente conhecida. No período colonial houve uma forte redução na densidade populacional do Brasil meridional, com a eliminação dos Guarani que circundavam e ocupavam quase todos os vales do planalto, dos Tupinambá em São Paulo e de outras populações, cuja influência sobre os Jê ainda é desconhecida. Entretanto, as descrições de epidemias entre os *Gualacho*, Chiqui e outros, atestam que os contatos

afetaram os Jê do sul, preteridos por jesuítas (Cortesão [Org.] 1952; Vianna com a colonização e a expansão brasileira sistemática de extermínio e "pacificação".

Em linhas gerais, temos descrito várias partes do sul do Brasil e descritos nos "toldos", algumas com mais de 100 títulos, compreende mais de 600 títulos, que estão em um projeto com o objetivo de ser significativo para formar um sintese de Noelli, m.s.).

O problema da antigüidade da cultura do que foi apontado, precisa ser estudado pela lingüística, etnobiologia e arqueologia. Estas disciplinas estão submetidas ao processo de fragmentação pela conquista e pela subjetividade dos dados que os dados gerados em situação de fragmentação, possivelmente fragmentários, possam responder. Preciso uma metodologia voltada à interpretação da etno-história e da etnografia para interpretações dos resultados arqueológicos. Somente desta forma conhecemos a cultura dos Jê do sul. Caso contrário, os métodos tradicionalmente empregados fontes históricas.

Seguindo Becker⁵ (1975:52; 1975:100) que a subsistência dos Jê do sul "marca o século XVI". Do século XVI para o presente, há uma antiga de 1.800 anos antes do presente, os vestígios arqueológicos conhecidos.

Os ascendentes pré-históricos são diversos tipos de sítios desde São Paulo e em morros próximos ao litoral) no planalto e vales que o circundam); no planalto; com maior frequência no interior e no litoral); sambaquis de diversas

5 Becker (1975:134) inclui indistintamente

6 Devido ao curto espaço, citei apenas a

esquisador, pode-se comparar distintos e verificar as semelhanças e diferenças. Pode-se comparar com outros grupos ou não as relações entre as atividades para estabelecer a antigüidade dos grupos.

Na parte das variáveis que dizem respeito ao Kaingang e seus antepassados, a Casa de Pedra (Schmitz, 1988) apresenta pequenas diferenças entre si, consideradas uma só, ainda sem evidências ligadas à agricultura (p. 3-36). Como veremos abaixo, a cerâmica não está consolidada, embora os produtores da cerâmica Itararé. Contribuam na definição de elementos de alimentos e restos culturais, por sua configuração, os dados. Podem, também, colaborar com o caráter fragmentário da cerâmica, superando a subjetividade que normalmente se encontrou os Jê do sul. A arqueologia pode localizar novos sítios, mapas etnográficos e estabelecendo

XIX e a Etnografia publicada para a caracterização cultural e dos antepassados "Guaianá", "Botocudos" e "Kaingang". Paralelamente, a cronologia da continuidade da sua adaptação às circunstâncias dos

sua situação geográfica continua. Na América colonial houve uma forte redução meridional, com a eliminação de quase todos os vales do sul e de outras populações, cuja existência. Entretanto, as descrições de mapas, atestam que os contatos

afetaram os Jê do sul, preteridos por escravagistas vicentinos e pelos jesuítas (Cortésão [Org.] 1952; Vianna [Org.] 1970). No século XIX, com a colonização e a expansão brasileira, passou a existir uma prática sistemática de extermínio e "pacificação" (Santos, 1987).

Em linhas gerais, temos descrições fragmentárias produzidas em várias partes do sul do Brasil e descrições seriadas de grupos instaladas nos "toldos", algumas com mais de 100 anos de existência. Esta produção compreende mais de 600 títulos, que não foram exaustivamente analisados em um projeto com o objetivo de sistematizar e verificar o que há de significativo para formar uma síntese etnográfica dos Jê do sul (Silva e Noelli, m.s.).

O problema da antigüidade da agricultura entre os Jê do sul, diante do que foi apontado, precisa ser estudado sob um fio condutor dirigido pela lingüística, etnobiologia e arqueologia. A etno-história e a etnografia estão submetidas ao processo de desagregação cultural influenciado pela conquista e pela subjetividade dos autores. Não podemos esperar que os dados gerados em situação de conflito e desagregação, extremamente fragmentários, possam responder com exclusividade à questão. É preciso uma metodologia voltada à interdisciplinaridade, onde a participação da etno-história e da etnografia seja a de fornecedores de dados para interpretações dos resultados arqueológicos, etnobiológicos e lingüísticos. Somente desta forma conseguiremos conhecer melhor a agricultura dos Jê do sul. Caso contrário, repetiremos a imprecisão dos métodos tradicionalmente empregados para interpretar e analisar as fontes históricas.

Seguindo Becker⁵ (1975:52; 1985:79; 1991b:109), pode-se dizer que a subsistência dos Jê do sul "*mantém-se em grandes linhas desde o século XVI*". Do século XVI para o passado, em direção à datação mais antiga de 1.800 anos antes do presente, pode-se deduzir o mesmo, devido aos vestígios arqueológicos conhecidos (Cf. Schmitz, 1988).⁶

Os ascendentes pré-históricos ceramistas dos Jê do sul, ocuparam diversos tipos de sítios desde São Paulo: casas subterrâneas (no planalto e em morros próximos ao litoral); galerias e abrigos sob rocha (no planalto e vales que o circundam); sítios a céu aberto (mais raramente no planalto; com maior freqüência nas planícies circundantes do planalto e no litoral); sambaquis de diversas conformações.

5 Becker (1991a:134) inclui indistintamente os Xokleng entre os Kaingang.

6 Devido ao curto espaço, citarei apenas a síntese de Schmitz (1988).

Nestes sítios há indicadores materiais que apontam para a sedentarização. Por exemplo, foram localizados agrupamentos que podem somar entre 1 e 68 estruturas subterrâneas, algumas alcançando diâmetros de até 20 metros e profundidades que alcançam 8 metros (Schmitz, 1988). Algumas destas estruturas foram escavadas na rocha e decoradas com petroglifos (Rohr, 1971). Reis (1980) sugere que as estruturas subterrâneas teriam sido predominantemente utilizadas como unidades residenciais, podendo, nos agrupamentos maiores, ocorrerem locais cerimoniais. Com reservas, sugeriu, também, que os sítios com uma estrutura, poderiam ser empregados como armadilhas do tipo *pit-fall* ou como silos (Reis, 1980:228, 237-238).

Existe apenas uma descrição histórica da ocupação destas casas, em algum lugar entre Angra dos Reis e Cananéia, no século XVI por Gabriel Soares de Souza ([1587] 1987:115): "*covas pelo campo, debaixo do chão, onde tem fogo de noite e de dia e fazem suas camas de rama e peles*". Há também tradição oral da ocupação destas estruturas, coletada por Telêmaco Borba entre os Kaingang do Paraná (apud Chmyz, 1965:48). Outros Jê utilizavam estas casas na Bahia no século XVI (Cardim, 1939:176) e, também existe mitos entre os Kayapó-Xicrín de que seus antepassados teriam ocupado casas subterrâneas em morros na bacia do alto rio Xingu (Frikel, 1968).

Os sítios litorâneos mais pesquisados materialmente e com estudos de antropologia física, apontam para uma dieta que não seria baseada na agricultura; para possíveis relações sociais com os não-ceramistas que eram seus contemporâneos; para a ocupação ao longo de todo ano (Neves, 1988; Neves et. al., 1984; Silva et. al., 1988). Schmitz (1988:119), estudando a grande quantidade de cerâmica nestes sítios, questiona estas conclusões sobre ausência de agricultura.

Entre os vestígios arqueológicos dos ascendentes dos Jê do sul, encontra-se diversos artefatos cerâmicos e líticos ligados ao processamento de alimentos. Estes artefatos poderiam ser empregados tanto para transformar vegetais coletados como cultivados, dificultando a análise favorável à agricultura. Eles também devem ter sido usados na elaboração de diversos artefatos fora do contexto da subsistência.

A cerâmica foi usada desde, pelo menos, o século I D.C. Ela está diretamente ligada à cocção de alimentos vegetais e animais, embora haja possibilidade dos ocupantes dos sítios litorâneos cozerem apenas vegetais de coleta e animais capturados de diversas maneiras.

Os artefatos líticos podem ser divididos em dois grupos: aqueles que estão relacionados, podendo-se estabelecer desde a preparação de vegetais (corte, descascamento, etc.) até a preparação de alimentos. No futuro, com um conhecimento profundo aliado ao refino da análise funcional, poderão ser estabelecidas as relações entre as peculiaridades de cada processo e seu processamento para torná-las úteis ao homem.

1) **Bater, talhar e macerar:** categorias de artefatos líticos, com funções ativas (bigornas, moedores, mãos de pilão, etc.) e passivas (bigornas, moedores, etc.).

Os machados polidos e/ou lascados eram utilizados em vários empregos sobre árvores de porte médio para desbastá-las. Na agricultura, seriam empregados para raspar as plantas. Na coleta, deviam ser empregados para raspar as colméias de determinadas espécies e para raspar as daimes para plataformas de caça, recolhendo as sementes e árvores podres e taquaras, para apanhar o mel no interior.

Com pouca frequência, foram encontrados artefatos líticos que a exemplo de outros Jê, devem ter sido utilizados para raspar as plantas, etc.

Os percutores foram utilizados basicamente para raspar e blocos, mas poderiam servir para quebrar pedras, etc.), macerar diversos tipos de vegetais, etc.).

As mãos de pilão, objetos cilíndricos, eram utilizados para raspar basalto com até 980 cm de comprimento, para raspar os frutos e sementes. Estes artefatos estão associados à dispersão da *Araucaria*, sendo raros em assentamentos no litoral e, então, associados ao processamento de plantas cultivadas (Cf. Schmitz, 1988:119). Seriam usados para pilar milho, mandioca, etc. de palmito, etc.

As mãos de mó, também chamadas de moedores, eram utilizadas para raspar e moer sementes, grãos, frutas, etc. de pedra plana com suave concavidade em uma das faces (para ser processado). As mós também são chamadas de mós de pedra.

7 Detalhes do emprego de artefatos líticos In: Proc. 1988, p. 119.

que apontam para a sedenta-
rupamentos que podem so-
mas alcançando diâmetros
nçam 8 metros (Schmitz,
vadas na rocha e decoradas
sugere que as estruturas
utilizadas como unidades
maiores, ocorrerem locais
m, que os sítios com uma
madilhas do tipo *pit-fall* ou

da ocupação destas casas,
anêia, no século XVI por
covas pelo campo, debaixo
zem suas camas de rama e
destas estruturas, coletada
do Paraná (apud Chmyz,
na Bahia no século XVI
entre os Kayapó-Xicrín de
subterrâneas em morros na

aterialmente e com estudos
a que não seria baseada na
om os não-ceramistas que
io ao longo de todo ano
i et. al., 1988). Schmitz
de cerâmica nestes sítios,
agricultura.

scendentes dos Jê do sul,
tícos ligados ao processa-
ser empregados tanto para
los, dificultando a análise
er sido usados na elabora-
subsistência.

s, o século I D.C. Ela está
lais e animais, embora haja
eos cozerem apenas vege-
s maneiras.

Os artefatos líticos podem ser divididos conforme as atividades a que estão relacionados, podendo-se estabelecer relações com modalidades de preparação de vegetais (corte, descascamento, maceração, etc.).⁷ No futuro, com um conhecimento profundo dos vegetais consumidos, aliado ao refino da análise funcional, poder-se-á procurar estabelecer relações entre as peculiaridades de cada planta e os artefatos ligados ao seu processamento para torná-las úteis ao consumo:

1) **Bater, talhar e macerar:** categoria de artefatos feitos a partir de núcleos e blocos, com funções ativas (machados, talhadores, percutores, mãos de pilão, etc.) e passivas (bigornas, pilões, etc.).

Os machados polidos e/ou lascados e os talhadores poderiam ter vários empregos sobre árvores de porte variável, para derrubá-las e desbastá-las. Na agricultura, seriam empregados na abertura das clareiras. Na coleta, deviam ser empregados para abater palmitos e árvores com colméias de determinadas espécies de abelhas; para construir andaimes para plataformas de caça, recoleção de frutas e mel; para fender árvores podres e taquaras, para apanhar insetos comestíveis no seu interior.

Com pouca frequência, foram encontrados machados semi-lunares, que a exemplo de outros Jê, devem ter sido usados como símbolos rituais, etc.

Os percutores foram utilizados basicamente para lascar os núcleos e blocos, mas poderiam servir para quebrar cascas de frutas (coquinho, etc.), macerar diversos tipos de vegetais, etc.

As mãos de pilão, objetos cilíndricos ou poliédricos de colunas de basalto com até 980 cm de comprimento, eram empregados para triturar frutos e sementes. Estes artefatos estão concentrados nas áreas de dispersão da *Araucaria*, sendo raros em assentamentos das terras baixas e no litoral e, então, associados ao processamento do pinhão, mais do que as plantas cultivadas (Cf. Schmitz, 1988:118). Provavelmente, também seriam usados para pilar milho, mandioca, amendoim, sementes, cernes de palmito, etc.

As mãos de mó, também chamadas moedores e trituradores, trituravam e moíam sementes, grãos, frutas, etc., dispostos sobre a mó (bloco de pedra plana com suave concavidade em que se depositava o vegetal a ser processado). As mós também são chamadas de bigornas por alguns

7 Detalhes do emprego de artefatos líticos In: Prous (1986-1990).

pesquisadores. A bigorna normalmente é considerada apenas como apoio para percussão de objetos líticos em fase de elaboração.

As boleadeiras, com formas geralmente esferoidais artificialmente sulcadas e as vezes com protuberâncias, eram principalmente empregadas na caça e, também, poderiam ter servido eventualmente como mão de mó.

Os "quebra-coquinhos", blocos com uma ou mais depressões semi-esferoidais provocadas por picoteamento, como sugere o nome, parece ter sido empregado para romper a casca do fruto do *Arecastrum roman-zoffianum* e vegetais semelhantes. Serviriam também como mão de mó.

2) **Cortar, raspar, rasgar, furar**: categoria de artefatos confeccionados sobre bloco, núcleo e lascas. Estes artefatos eram empregados na transformação dos vegetais, em ações como descascar, dividir e seccionar, desbastar, etc.

Além dos vestígios líticos e cerâmicos, existem restos de vegetais cultivados em roça, evidenciados em abrigos sob rocha no Rio Grande do Sul (fase Guatambu), nas bacias dos rios das Antas e Pelotas, representados por milho e cabaças (Lazarotto et. al., 1971:81; Miller, 1971:45). Embora tenham sido encontrados em sítios datados entre 1.800 e 750 anos antes do presente, Schmitz (com. pessoal, 1994) concluiu que o milho e a cabaça não devem ser contemporâneos deste período, por estarem associados a enterramentos mais recentes).

Por outro lado, os milhos mais antigos próximos dos domínios dos Jê do sul foram escavados em sítios de Minas Gerais, com datas de até 4.000 anos antes do presente (Bird et. al., 1991). A partir desta informação, tendo em vista que os Jê ocuparam o Brasil meridional a partir do norte de São Paulo até o Rio Grande do Sul (Brochado, 1984), podemos ter indícios para formular uma hipótese provisória: o milho pode ter sido cultivado desde o estabelecimento dos primeiros assentamentos com estruturas subterrâneas, a 1.800 anos antes do presente, podendo existir datas mais antigas, por serem encontradas. A variedade exclusiva de milho dos Kaingang estudada por Patermiani (1954) pode estar demonstrando uma antiga manutenção desta espécie.

Mesmo estando ainda desarticulados com a etno-história e a etnografia, o conjunto de dados arqueológicos relativos a agricultura corroboram as descrições etno-históricas dos Kaingang. Os Xokleng são objeto de muitas dúvidas e, somente após o esgotamento completo de todas as fontes documentais existentes, bem como de todos os relacionamentos arqueológicos possíveis, é que se poderá concluir consistente-

mente o problema. Apesar da pesquisa parcial para o nomadismo Xokleng, uma dúvida persiste no livro de Jules Henry (1964:3), citado por Schmitz: "*These indians, however, remembered a time when the Kaingang groups, practiced agriculture*".

A relação dos Xokleng com a cerâmica Itararé, devido ao estágio inicial das pesquisas em sítios com esta cerâmica ocupam basicamente o planalto, localizados nos vales, encostas do Paranáense e catarinense, no topo de sambaquis e conchíferos de conformação aplanada. Sítios arqueológicos variados, também eram ocupados por esses povos. Se descendem dos ceramistas Itararé, há um problema a ser resolvido, alterando a concepção corrente de que eram caçadores-coletores.

Paralelamente a estas ligações, durante as escavações os métodos de resgate de vegetais em porte. Apesar de serem conhecidos desde os trabalhos de (1968), ainda não foram empregados no Brasil. Este método poderemos resgatar restos biológicos e elementos usuais de escavação e peneiração de seis-avos de polegada, mesmo em solos ácidos. Os vegetais cultivados podem ser resgatados e ha conduta adequada, ainda que não tenha sido descrita historicamente.

Um outro fator desconsiderado, mas que deve ser considerado, são os vegetais cultivados, que é o manejo agrícola. A etnobotânica vem demonstrando que os povos em roças, mas em diversos nichos e com um manejo que ultrapassa as tradicionalmente computadas. Algumas, como a *Araucaria augustifolia* (fruto, cerne); *Euterpe edulis* (cerne); *Albizia* (fruto, cerne); *Bactris lindmaniana* (fruto, cerne), que são encontradas em grandes concentrações no sul.⁸ É provável que estas concentrações sejam antropogênicas, isto é, cultivadas pelo homem (Schmitz et al., 1987). Esta é uma demonstração cabal de que os povos não ficavam a mercê das ofertas da natureza.

⁸ O inventário completo deverá ultrapassar 150 espécies.

a apenas como apoio
ção.

idais artificialmente
ipalmente emprega-
almente como mão

ais depressões semi-
gere o nome, parece
Arecastrum roman-
n como mão de mó.
de artefatos confec-
os eram empregados
descascar, dividir e

m restos de vegetais
ocha no Rio Grande
s Antas e Pelotas,
il., 1971:81; Miller,
; datados entre 1.800
, 1994) concluiu que
s deste período, por

os dos domínios dos
is, com datas de até
r desta informação,
nal a partir do norte
(1984), podemos ter
milho pode ter sido
assentamentos com
nte, podendo existir
idade exclusiva de
pode estar demons-

o-história e a etno-
a agricultura corro-
g. Os Xokleng são
mento completo de
de todos os relacio-
bncluir consistente-

mente o problema. Apesar da pesquisa parcial das fontes escritas apontar para o nomadismo Xokleng, uma dúvida paira no ar, devido ao informe do livro de Jules Henry (1964:3), citado por Alfred Métraux (1946:450): "*These indians, however, remembered a time when they, like all other Caingang groups, practiced agriculture*".

A relação dos Xokleng com a cerâmica da tradição arqueológica Itararé, devido ao estágio inicial das pesquisas, ainda é incipiente. Os sítios com esta cerâmica ocupam basicamente os territórios que contornam o planalto, localizados nos vales, encostas baixas, planícies e litoral paranaense e catarinense, no topo de sambaquis ou formando acúmulos conchíferos de conformação aplanada. Sítios a céu aberto com dimensões variadas, também eram ocupados por esses ceramistas. Se os Xokleng descendem dos ceramistas Itararé, há um problema importante para ser resolvido, alterando a concepção corrente de que eles seriam exclusivamente caçadores-coletores.

Paralelamente a estas ligações, deve-se procurar empregar durante as escavações os métodos de resgate de vestígios biológicos de pequeno porte. Apesar de serem conhecidos desde o final dos anos 60 (Struever, 1968), ainda não foram empregados no Brasil meridional. Usando este método poderemos resgatar restos biológicos que escapam dos procedimentos usuais de escavação e peneiração com malhas acima de dezesseis-avos de polegada, mesmo em solos ácidos. Assim, restos de vegetais cultivados podem ser resgatados e ha condições de se descobrir parte da dieta, ainda que não tenha sido descrita historicamente.

Um outro fator desconsiderado, mas que poderá ser inserido entre os vegetais cultivados, que é o manejo agroflorestal de plantas alimentícias. A etnobotânica vem demonstrando que não há apenas cultivo em roças, mas em diversos nichos e com uma variedade de plantas que ultrapassa as tradicionalmente computadas entre as da roça. Destacando algumas, como a *Araucaria augustifolia* (pinhão); *Butia eriospatha* (fruto, cerne); *Euterpe edulis* (cerne); *Arecastrum romanzoffianum* (fruto, cerne); *Bactris lindmaniana* (fruto, cerne); *Myrciaria jaboticaba* (fruto), que são encontradas em grandes concentrações na região dos Jê do sul.⁸ É provável que estas concentrações sejam resíduos de florestas antropogênicas, isto é, cultivadas pelo homem (Balée, 1989; Prance et. al., 1987). Esta é uma demonstração cabal de que as populações indígenas não ficavam a mercê das ofertas da natureza, mas modificando

8 O inventário completo deverá ultrapassar 150 espécies comestíveis.

ativamente a fitossociologia das suas áreas de domínio, multiplicando as espécies vegetais do seu interesse. Inclusive algumas plantas consumidas pelos Jê do sul, como as do gênero *Bactris*, são consideradas pelos botânicos como sendo resultado de domesticação e aperfeiçoamento humano (Clement, 1990). Esta questão só poderá ser resolvida pela indisciplina, com o conhecimento botânico das sucessivas etapas de expansão fitogeográfica; com os etnógrafos revelando o conhecimento tradicional das práticas agroflorestais e botânicas dos Jê do sul; com o estudo lingüístico da antigüidade das denominações etnobotânicas e da nomenclatura das suas práticas relativas; com a pesquisa arqueológica revelando informações da espacialidade, tecnologia e de vestígios de plantas utilizadas.

Somando-se as informações da agricultura tradicional com o manejo agroflorestal e da caça/pesca, e acrescentando-se mais informações etnográficas sobre a visão da territorialidade dos Jê do sul, poderemos estabelecer as bases para a compreensão das descrições sobre a importância das rígidas divisões territoriais e das punições com a morte dos invasores. Poderemos entender os ciclos anuais de concentração na aldeia e nas dispersões para coletar/caçar/pescar. Estas dispersões, como constata-se entre outros grupos, poderiam servir para a ir aos locais antigos de manejo, pois muitas das plantas consumidas pelos Jê do sul só frutificavam muitos anos após seu cultivo. Estas dispersões devem ser relacionadas ao ciclo fenológico das espécies vegetais, da circulação da caça e migração de aves.

Por fim, a questão da antigüidade da agricultura é um desafio aos pesquisadores, principalmente no caso dos Xokleng, pois entre os Kaingang as evidências são concretas. Para confirmar ou não sua presença, bem como a do manejo e multiplicação das plantas citadas acima e de outras, muitos trabalhos deverão ser desenvolvidos. Caso se conclua que os Xokleng praticavam a agricultura, poderemos verificar se foram os conquistadores Guarani, na pré-história, ou os brancos, depois de 1.500 D.C., que os forçaram a abandonar seus territórios de domínio e, conseqüentemente, as práticas agrícolas. Possivelmente os Xokleng ficaram prensados numa faixa entre os domínios dos Kaingang e dos Guarani e, posteriormente, dos conquistadores, sem que pudessem estabelecer assentamentos e terem que viver da coleta, caça, pesca e de furtos nas roças dos que invadiram seus territórios tradicionais.

Referências bibliográficas

- BALÉE, William. The culture of amazonian forests. In: (Eds.). *Natural Resource Management by Folk and* 7:1-21, New York: New York Botanical Garden, 1975.
- BROCHADO, José J. J. Proenza. *An Ecological Model of Agriculture Into Eastern South America*. Urbana-Champaign, 1975. 334 p.
- BECKER, Itala I. B. Dados sobre o abastecimento do Rio Grande do Sul conforme a bibliografia dos séculos XVIII e XIX. *abastecimento indígena*. São Leopoldo: Instituto de História, 1975. (Publicações avulsas, 2).
- . *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora de Pesquisas, 1975, 1976. 334 p.
- . O índio Kaingang do Rio Grande do Sul e a agricultura. *Boletim do Marsul, Taquara* 3:77-85, 1985.
- . Alimentação dos índios Kaingang no Rio Grande do Sul. *Boletim do Marsul, Taquara* 6:107-119, 1991a.
- . O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. A. (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1991b, p. 331-356.
- BIRD, Robert MK, DIAS Jr., Ondemar, CARVALHO, Carlos. A botânica no Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais. *Arqueologia*, São Paulo, 6:14-31, 1991.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1979. v. 168.
- CHMYZ, Igor. Prospecções arqueológicas no vale do Rio Grande do Sul (Brasil). *Acta Praehistorica*. Buenos Aires, 5-7:35-40, 1975.
- CLEMENT, Charles R. Origin, domestication and growth of fruit tree species. In: POSEY Darrel A., OVERLANDER, J. (Eds.). *Implications and applications. Proceedings of the 1975 International Ethnobiology Conference*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1975. p. 1-10.
- CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuitas bandeirantes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.
- DAVIS, Irvine. Proto Jê phonology. *Estudos Lingüísticos da Universidade de São Paulo*, 1(2):10-24, 1968.
- . Some Macro-Jê relationships. *International Journal of American Linguistics*, Bloomington, 34:42-47, 1968.
- DENEVAN, W. et. al. Indigenous agroforestry in the management of swidden fallows. *Interciencia* 9(6):333-340, 1984.
- FRIKEL, Protásio. *Os Xikrin. Equipamento e técnicas agrícolas*. São Paulo: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1968. Publicações avulsas, 1968.
- HENRY, Jules. *Jungle people. A Kaingang tribe of the Mato Grosso*. New York: Holt, 1941.

rio, multiplicando as plantas consumidas e consideradas pelos aperfeiçoamento e ser resolvida pela sucessivas etapas dando o conhecimento dos Jê do sul; com etnobotânicas e pesquisa arqueológica e de vestígios de adicional com o mais informações do sul, poderemos sobre a importância com a morte dos de concentração na dispersões, como para a ir aos locais tidas pelos Jê do sul dispersões devem ser ais, da circulação da

ará é um desafio aos pois entre os Kainu não sua presença, citadas acima e de Caso se conclua que erificar se foram os cos, depois de 1.500 de domínio e, conseqüências os Xokleng ficaram ang e dos Guarani e, sem estabelecer as e de furtos nas roças

Referências bibliográficas

- BALÉE, William. The culture of amazonian forests. In: POSEY Darrel, BALÉE William (Eds.). *Natural Resource Management by Folk and Indians Societies in Amazonia*, 7:1-21, New York: New York Botanical Garden, 1989.
- BROCHADO, José J. J. Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Urbana-Champaign, PhD Tesis, 1984. 574 p.
- BECKER, Itala I. B. Dados sobre o abastecimento entre os índios Kaingang do Rio Grande do Sul conforme a bibliografia dos séculos XVI a XX, In: *Estudos sobre o abastecimento indígena*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1975, p. 39-59. (Publicações avulsas, 2).
- . *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1975, 1976. 334 p.
- . O índio Kaingang do Rio Grande do Sul e a exploração dos recursos naturais. *Boletim do Marsul, Taquara* 3:77-85, 1985.
- . Alimentação dos índios Kaingang no Rio Grande do Sul. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6:107-119, 1991a.
- . O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: KERN Arno A. (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991b, p. 331-356.
- BIRD, Robert MK, DIAS Jr., Ondemar, CARVALHO, Eliana T. Subsídios para arqueobotânica no Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6:14-31, 1991.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: BRAUDEL Fernand, *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 41-78.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da e gente do Brasil*. São Paulo: Nacional, Brasileira, 1939, v. 168.
- CHMYZ, Igor. Prospecções arqueológicas no vale do rio das Antas. Rio Grande do Sul (Brasil). *Acta Praehistorica*. Buenos Aires, 5-7:35:52, 1965.
- CLEMENT, Charles R. Origin, domestication and genetic conservation of amazonian fruit tree species. In: POSEY Darrel A., OVERAL William (Orgs.). *Ethnobiology implications and applications. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990, v. 1, p. 249-263.
- CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítase bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- DAVIS, Irvine. Proto Jê phonology. *Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, 1(2):10-24, 1967.
- . Some Macro-Jê relationships. *International Journal of American Linguistics*. Bloomington, 34:42-47, 1968.
- DENEVAN, W. et. al. Indigenous agroforestry in the peruvian amazon: Bora indian management of swidden fallows. *Interciencia* 9(6):346-357, 1984.
- FRIKEL, Protásio. *Os Xikrin. Equipamento e técnicas de subsistência*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1968. Publicações avulsas, 7.
- HENRY, Jules. *Jungle people. A Kaingang tribe of the Highlands of Brasil*. New York, 1941.

- HUECK, Kurt. *As florestas da América do Sul*. São Paulo: Polígono, 1972.
- KÜNE, Heinz. Der Bodenbau der Kaingang – und Lakranó – Indianer und dessen Stellung im Rahmen de Gê-Völker. Der Bodenbau in Wechselwirkung zum geistigen Leben, zur Gesellung un zur Umwelt. *Archiv für Völkerkunde*. Wien, 33:61-84, 1979.
- LAZZAROTTO, Danilo, SCHMITZ, Pedro I., BECKER, Itala I. B., STEINMETZ, Rolf. Pesquisas arqueológicas no planalto. *O homem antigo na América*. São Paulo: USP – Instituto de Pré-História, 1971, p. 79-89.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguagem e sociedade. In: ————. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967, p. 71-83.
- MÉTRAUX, Alfred. The Caingang. *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, 1946, v. 1, p. 445-73.
- MILLER, Eurico Th. *Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional do Rio Grande do Sul*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. PRONAPA 4, Publicações avulsas, 15, p. 37-60.
- NEVES, Walter A. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil. *Pesquisas*. Antropologia, 43. São Leopoldo, IAP, 1988, 178 p.
- NEVES, Walter A., UNGER, P., SCARAMUZZA, C. A. M. Incidência de cáries e padrões de subsistência nmo litoral norte de Santa Catarina. *Revista de Pré-História*. São Paulo, 6:371-380, 1984.
- OLIVEIRA, Adélia E., HAMÚ, Denise (Orgs.). *Ciência Kayapó. Alternativas contra a destruição*. Belém: MPEG-SCT-CNPq, 1992.
- PATERNIANI, Ernesto. *Estudos sobre as raças de milho indígena "Caingang"*. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", 1954.
- FRANCE, Ghilean, BALÉE, William, BOOM, Brian. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazonia. *Conservation Biology*. 1(4):296-310, New York, 1987.
- PROUS, A. Os artefatos líticos. Elementos descritivos classificatórios. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, 11:1-88, 1986-1990.
- REIS, Maria José. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. São Paulo: USP-FFLCH, 1980, 262 p.
- RODRIGUES, Aryon. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.
- ROHR, João A. As casas subterrâneas pré-históricas. *Notícias*. Porto Alegre 114:32-36, 1972.
- ROOSEVELT, Anna C. Natural resource management in Amazonia before the conquest: Beyond ethnography projection. In: POSEY, Darrel, BALÉE, William (Eds.). *Natural resource management by folk and indians societies in Amazonia*. New York: Advances in Economic Botany, 1989, 7:30-62.
- SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento/INL, 1987.
- SCHMITZ, Pedro I. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos*, São Leopoldo, 2:74-130, 1988.
- SCHMITZ, Pedro I., BECKER, Itala B. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas. In: KERN, Arno A. (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991b, p. 251-289.
- SCHWERIN, Karl H. *Arawak, Carib, Gê, Tupi: cu in the tropical forest*. Apresentado no XXXIX nistas. Lima, 1970 (datilografado).
- SOARES DE SOUZA, Gabriel. *Tratado descri Nacional, Brasileira*, v. 117.
- SILVA, Fabíola A., NOELLI, Francisco S. *Para diferenças e dívidas para a etnografia, etno-his apresentado na XIX Reunião da ABA, RJ*.
- SILVA, Sérgio B., SCHMITZ, Pedro I., ROGGE, JACOBUS, André. Escavações arqueológicas arqueológico da praia da Tapera: um assentam Antropologia. São Leopoldo, 45:1-210, 1988.
- STRUEVER, Stuart. Flotation techniques for the remains. *American Antiquity*, 33(3):353-362, 1968.
- STURTEVANT, William C. History and ethnogra UCKO, Peter and DIMBLEDY, G. W. (Eds.). *plants and animals*. London: Duckworth, 1969.
- VIANNA, Hélio (Org.). *Jesuítas e Bandeirante janeiro: Biblioteca Nacional*, 1970.
- WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kai mia e Antropologia. Rio de Janeiro, 3:197-217.

- Polígono, 1972.
- Lakranó – Indianer und dessen Wechselwirkung zum geistigen Kulturkunde. Wien, 33:61-84, 1979.
- R, Itala I. B., STEINMETZ, Rolf. *Indígenas na América*. São Paulo: USP, 1979.
- . *Antropologia estrutural*. São Paulo: USP, 1983.
- . *American Indians*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1977.
- . *Indígenas no planalto meridional do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Pronapa 4, Publicações Pronapa, 1971.
- . *Indígenas do litoral sul do Brasil*. Belo Horizonte: Pronapa 8, Publicações Pronapa, 1988, 178 p.
- . C. A.M. Incidência de cáries e doenças periodontais em crianças de Catarina. *Revista de Pré-História*, 1988, 178 p.
- . *A Kayapó. Alternativas contra a extinção*. Belo Horizonte: Pronapa 10, Publicações Pronapa, 1988.
- . *Indígena "Caingang"*. Escola de Antropologia, 1988.
- Quantitative ethnobotany and the evolution of agriculture. *Journal of Ethnobotany*, 1(4):296-310, New York, 1982.
- . *Indígenas classificatórios*. *Arquivos do Museu Paulista*, 48, 1986-1990.
- . *Arquiteturas subterrâneas no planalto meridional do Brasil*. Belo Horizonte: Pronapa 11, Publicações Pronapa, 1986.
- . *Indígenas e notícias*. Porto Alegre 114:32-36, 1986.
- . *Indígenas na Amazônia before the conquest*. In: *Indígenas e notícias*, BALÉE, William (Eds.). *Natural History in Amazonia*. New York: Academic Press, 1986.
- . *Indígenas do Brasil. A dramática experiência*. Belo Horizonte: Pronapa 12, Publicações Pronapa, 1986.
- . *Indígenas do sul-brasileiro*. *Arqueologia do Brasil*, 74-130, 1988.
- . *Indígenas engenheiros do planalto e suas construções*. *Arqueologia pré-histórica do Rio São Francisco*, 1b, p. 251-289.
- SCHWERIN, Karl H. *Arawak, Carib, Gê, Tupí: cultural adaptations and culture history in the tropical forest*. Apresentado no XXXIX Congresso Internacional de Americanistas. Lima, 1970 (datilografado).
- SOARES DE SOUZA, Gabriel. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Nacional, Brasileira, v. 117.
- SILVA, Fábola A., NOELLI, Francisco S. *Para uma síntese do Jê do sul: igualdades, diferenças e dúvidas para a etnografia, etno-história e arqueologia*. 1994, 9 p. (Texto apresentado na XIX Reunião da ABA, RJ).
- SILVA, Sérgio B., SCHMITZ, Pedro I., ROGGE, Jairo H., NADAL DE MASI, Marco, JACOBUS, André. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo, 45:1-210, 1988.
- STRUEVER, Stuart. Flotation techniques for the recovery of small-scale archaeological remains. *American Antiquity*, 33(3):353-362, 1968.
- STURTEVANT, William C. History and ethnography of some West Indian starches. In: UCKO, Peter and DIMBLEDY, G. W. (Eds.). *The domestication and exploitation of plants and animals*. London: Duckworth, 1969, p. 177-179.
- VIANNA, Hélio (Org.). *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1595-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.
- WIESEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Rio de Janeiro, 3:197-217, 1978.

POSSIBILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DO CONTEÚDO DA ARTE GRÁFICA

Fernanda Bordin

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (MESTRADO)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- História do Brasil
 - História Ibero-Americana
 - Arqueologia
 - * Recredenciado pelo Parecer nº638/93 do C.F.E. de 07/10/93.
 - * Conceito CAPES: B+
- Informações: IFCH - Fone (051) 339.1511 - ramal 3295

Este trabalho compreende os resultados da pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina, cujo objetivo corresponde à interpretação da arte gráfica das vasilhas cerâmicas do período Tupac Katari.

A primeira etapa foi desenvolvida com a análise de materiais cerâmicos de sítios arqueológicos, onde foram encontrados desenhos geométricos pintados e da arte gráfica Asuriní e Kayabí, grupos Tupac Katari que foram intensamente documentados por pesquisadores estrangeiros.

A analogia etnográfica foi aplicada ao conteúdo dos signos gráficos da cerâmica pesquisada, no entanto, a relação analógica tornou-se nítida: os signos usados são únicos e específicos da sociedade que os possuiam, como ainda existem semelhanças entre aspectos formais e seu significado que é atribuído a estes é construído entre expressão (forma) e conteúdo (significado) sócio-cultural de cada sociedade.

¹ Antropóloga, pesquisadora em Arqueologia e Secretária Municipal da Cultura de Porto Alegre.